

Entre a Ficção e a História: um passeio pelas cidades com Ítalo

Calvino e Marco Polo¹

Tatiane Aparecida da Silva Severino²

Wania Aparecida Guedes da Silva³

Resumo

Este trabalho tem por objetivo verificar como se configura a reapropriação temática e estrutural de *Il milione* (1298) de Marco Polo realizada por Italo Calvino em *Le città invisibili* (1972). A partir da comparação entre os dois livros, procuraremos identificar de que maneira Calvino retoma a narrativa de Marco Polo de modo absolutamente diverso do que até então havia sido feito por outros escritores.

Palavras-chave: *Narrativa Italiana; Il milione; Le città invisibili; Reapropriação temática-estrutural; Cidade.*

“Ninguém sabe melhor do que você, sábio Kublai, que não se deve confundir nunca a cidade com o discurso que a descreve. Todavia, entre uma e outro há uma correlação”.

Italo Calvino

“Copiar a realidade pode ser uma coisa boa; mas inventar a realidade é melhor, muito melhor”

Giuseppe Verdi

¹ Texto apresentado como monografia de conclusão da disciplina “Literatura Italiana das Origens”, ministrada no segundo semestre de 2007 pela Prof^a Dr^a Doris Nátia Cavallari da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

² Graduanda em Letras (Português – Italiano) da FFLCH/USP. Desenvolve sob orientação da Prof^a Dr^a Roberta Barni (FFLCH/USP) a pesquisa “A estrutura narrativa de ‘Se um viajante numa noite de inverno’ de Ítalo Calvino e suas contribuições para a narrativa contemporânea”, fomentada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

³ Graduanda em Letras (Português – Italiano) da FFLCH/USP.

1. Introdução

Em *Le città invisibili* (*As cidades invisíveis*)⁴, Calvino parte do modelo clássico, por assim dizer, representado por *Il milione* (*O milhão*), com o intuito de “compreender a cultura presente como produto daquela produzida no passado” (Iozzi, 1998: 10), e dessa maneira, o autor desenvolve suas reflexões acerca do signo ‘cidade’, como ele próprio nos evidencia em *Lezioni americane* (*Seis propostas para o próximo milênio*):

(...) O livro no qual creio ter dito mais coisas é *As cidades invisíveis*, porque pude concentrar sobre um único símbolo todas as minhas reflexões, as minhas experiências, as minhas conjecturas; e porque pude construir uma estrutura multifacetada na qual cada breve texto está próximo aos outros em uma sucessão que não implica em consequencialidade ou hierarquia, mas em uma rede na qual é possível traçar múltiplos percursos e extrair conclusões diversas e ramificadas. (Calvino, 1994: 80).

Para compreender esse processo, tornar-se necessário conhecer a origem de *Il milione*, sua importância para a literatura da época e seu reconhecimento como um clássico literário.

2. *Il milione*

Torna-se difícil classificar *Il milione* em um gênero preciso; isto porque o livro mais conhecido do *Duecento* italiano apresenta características de crônica — pelo modo como os costumes são descritos —, tratado geográfico — pela descrição das cidades e a necessidade de identificá-las espacialmente —, literatura de viagem e memórias. O livro é resultado de um trabalho feito a quatro mãos, pois é escrito na época em que Marco Polo esteve na prisão em companhia de Rustichello da Pisa, um escritor de romances de aventuras, que escrevia em língua d’oil. Assim, Rustichello ouvia a narração de Marco Polo e transcrevia as histórias narradas. A primeira versão do livro, intitulado de “Descrição do Mundo” vem escrita em francês, e só mais tarde, aparecem as traduções para o vulgar e para o latim (Ferroni; Cortelessa; Pantani, 2002). As descrições de Marco Polo são resultado de suas inúmeras viagens pelo Oriente, primeiro em companhia de seu pai e seu tio, que eram mercantes venezianos. Depois, em missões diplomáticas como representante do grande Khan, imperador dos mongóis.

⁴ Traduzimos as citações em italiano para o português com o intuito de facilitar a compreensão do leitor brasileiro. No entanto, optamos por manter os títulos das obras na língua original. Suas traduções são mencionadas na “Introdução” do presente artigo.

O livro adquiriu ampla difusão, pois causava interesse ao novo público burguês (devido às informações úteis ao comércio) e também ao grande público, na medida em que os relatos de um oriente com costumes tão diferentes daqueles ocidentais causavam fascínio aos leitores.

2.1. Literatura de Viagem: a geografia do desconhecido

A literatura de viagem tornou-se muito importante para o novo público burguês, porque, como já dito, representava a possibilidade de conhecer costumes, povos e regiões até então desconhecidos. Ainda que fosse muito comum nessa época relacionar às regiões orientais um forte caráter exótico e fabular — através da criação e representação de mitos e seres fantásticos — cabe ressaltar que essa não é a intenção de Marco Polo. Seu interesse é descrever tudo da forma mais mimética possível, como uma espécie de enviado especial, como sugere Umberto Eco em seu ensaio *O milhão: descrever o desconhecido*. Interessante é que o próprio Eco nos revela que um dos compiladores do texto de *Il milione* se apropria desse imaginário exótico representado pelo oriente aos ocidentais e acrescenta ao texto de Polo criaturas imaginárias, as quais nunca foram mencionadas no texto original (Eco, 1989). Dessa forma, acreditamos em duas hipóteses possíveis para a interpretação mais corriqueira e conhecida de que *Il milione* seja “o livro das maravilhas”, isto é, o livro das descrições exóticas e maravilhadas do Oriente. A primeira é que muitos dos seus compiladores e as traduções feitas em outras línguas tenham acrescentado informações fantásticas não constantes no original. E a segunda, o fato de que Marco Polo, ao traçar a “geografia do desconhecido” descrevendo regiões, povos e costumes tão diferentes, tenha causado fascínio aos ocidentais, acostumados com a moral cristã e com outra organização social. Assim, o desconhecido tornou-se exótico e fabular, maravilhoso e fantástico.

2.2. A influência de *Il milione* na literatura Ocidental

Se o livro de Marco Polo encantou os homens de sua época pelo caráter revelador e exótico, continuou a exercer forte influência na literatura, tornando-se assim um clássico. Nas palavras do próprio Calvino, os clássicos são “livros que exercem uma influência particular seja quando se impõem como inesquecíveis, seja quando escondem nas dobras da memória mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual (Calvino, 2002: 7)”. Dessa forma, o livro de Marco Polo se destaca entre aqueles que proporcionam diversas

releituras, tanto na sua recuperação enquanto relato de viagem, como na representação de um imaginário ocidental do que é o Oriente. Não é por acaso que a idéia de que o Oriente é exótico tenha sido recuperada muitas vezes, em especial pelos escritores românticos. Só para citar, temos S.T. Coleridge, que em seu *Kublai Khan – Ou uma visão em sonho. Um Fragmento*, texto que mescla poesia e prosa, fala do reino de Kublai e uma de suas grandiosas construções. Também podemos citar outros autores nos quais é possível perceber a presença da temática orientalista, como Kafka em seu conto *Construção da Muralha da China* e Dino Buzzati em *Deserto dei Tartari*.

O que nos propusemos analisar, porém, é a maneira diversa de reapropriação de *Il milione* realizada por Calvino. O autor aproveita a estrutura e a temática do livro de Marco Polo para escrever o seu *Le città invisibili*, compondo, porém, uma obra que se distancia do modelo que a inspirou. Segundo Adriana Iozzi:

em *Le città invisibili*, o livro *Il milione* è visto como ponto de partida (...), a partir desse modelo, Calvino desenvolverá o projeto principal de seu livro que é expor as suas reflexões sobre questões referentes à literatura contemporânea, de um modo geral, e, ao mesmo tempo, expressar a sua preocupação com os problemas urbanos da atualidade (Iozzi, 1998: 34).

3. *Il milione* versus *Le città invisibili*

Ambos os livros, aparentemente, apresentam estrutura similar. No caso de *Il milione*, os primeiros capítulos narram as duas viagens: a primeira (1261-1269), realizada pelos irmãos Polo, — Niccolò e Matteo —, respectivamente, pai e tio de Marco Polo; e a segunda (1271- 1295), realizada pelos irmãos Polo com a companhia de Marco que, na época da partida, tinha apenas 17 anos. Nos capítulos seguintes são apresentadas descrições culturais, da fauna, flora, povos, regiões e cidades baseadas nos relatos de Marco Polo e de terceiros. O trecho inicial funciona como moldura do livro contextualizando e antecipando as descrições que vêm em seguida, bem como proporciona a unidade narrativa.

Já em *Le città invisibili*, temos uma moldura baseada em diálogos imaginários entre Marco Polo e Kublai Khan. Os dois interlocutores, ao longo dos capítulos, desenvolvem uma profunda reflexão metaliterária, que aparece entremeada às descrições. Estas, por sua vez, são descrições de cidades inventadas e se apresentam como reflexo dos diálogos entre os protagonistas.

Como dissemos anteriormente, a estrutura de ambos os livros, à primeira vista, parecem similar por conterem descrições que são apresentadas conjuntamente com as molduras que as contextualizam. Porém, ao analisarmos com atenção, notamos que Calvino, já na estrutura, se afasta do seu modelo. De acordo com Adriana Iozzi,

Ainda que tomando como modelo alguns aspectos temáticos e estilísticos de *Il milione*, *Le città invisibili* apresenta-se muito distante do original, uma vez que o núcleo gerador de sua narrativa são os diálogos, repletos de reflexões, que emolduram as descrições de cidades, ao contrário de *Il milione*, cujo ponto central são as próprias descrições de cidades e dos hábitos de seus moradores (Iozzi, 1998: 42).

Portanto, uma das diferenças entre os livros é a importância da parte considerada narrativa, ou seja, que emoldura as descrições. Em *Il milione*, essa seção é apenas contextualizadora das descrições, e no livro calviniano, passa a ser a parte central, responsável pela criação das cidades.

Essa diferença é fundamental para a organização do livro de Calvino. Enquanto, em *Il milione*, as descrições são organizadas de acordo com as lembranças de Marco Polo, em *Le città invisibili*, Calvino se utilizará da combinatória para a disposição das seqüências descritivas. A combinatória, conjuntamente com as reflexões metanarrativas contidas nos diálogos, serão responsáveis pelo entrelaçar das reflexões e a “aplicação prática” dessas nas descrições.

Isso acontece porque o livro calviniano foi escrito em dois momentos distintos. As descrições são resultantes de anos de trabalho do autor, escritas de acordo com seus humores e reflexões. Já a moldura, foi composta anos mais tarde, quando Calvino tinha um material descritivo imenso e tão distinto entre si, e procurava uma maneira de organizá-lo de forma orgânica (Barenghi, 1992). O autor encontrou na combinatória a solução para a composição de *Le città invisibili*. Para isso, Calvino separou seu material descritivo sob o critério de afinidade temática em onze rubricas, as quais denominou com um substantivo diferente (Iozzi, 1998):

1. *As cidades e a memória*
2. *As cidades e o desejo*
3. *As cidades e os símbolos*
4. *As cidades delgadas*
5. *As cidades e as trocas*

capítulo IV será (*As cidades e os símbolos 5, As cidades delgadas 4, As cidades e as trocas 3, As cidades e os olhos 2, As cidades e o nome 1*) e, assim por diante, até o encerramento de todas as séries de rubricas.

Dessa forma, podemos verificar que diferente do livro de Marco Polo, a estrutura de *Le città invisibili* é artificial e nela predomina a extrema rigidez formal criada pelo jogo combinatório. Essa artificialidade do modelo estrutural de Calvino se reflete na figura de seu Marco Polo que, ao contrário daquele de *Il milione*, é um personagem “distorcido, atualizado, ficcionalizado, geométrico e labiríntico (Iozzi, 1998: 41)”. O Marco Polo calviniano comporta-se como um flâneur, que nas palavras de Walter Benjamin é o “detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado (Benjamin apud Abreu, 2004: 1)”. É a partir desse conhecimento que Marco Polo inventa as cidades e, em colaboração com o seu interlocutor Kublai Khan, reflete sobre a criação literária.

De acordo com Adriana Iozzi, “a grande dificuldade deste personagem [Marco Polo] parece ser a de descrever a realidade, isto é, a realidade de um mundo cujo significado é entendido de maneira múltipla e no qual cada aparência alude a uma outra coisa (Iozzi, 1998: 41)”. Ainda, segundo a estudiosa calviniana:

Calvino, parodiando a história (...) recria um texto no qual as descrições das cidades, reelaboradas com forte carga de subjetividade, apresentam-se como ambíguas, mostrando diversas faces que podem ser reduplicadas ao infinito (Iozzi, 1998: 41).

Assim, o livro *Le città invisibili* apresentam-se como fruto da sociedade contemporânea, pois é incapaz de representar uma realidade que se mostra cada vez mais fragmentada e antimimética devido sua multiplicidade e complexidade (Iozzi, 1998).

4. Considerações finais

Dessa maneira, podemos estabelecer as seguintes diferenças entre os dois “Marco Polo”: o Marco de *Il Milione* busca a descrição mimética da realidade, enumerando as cidades com o intuito de organizá-las em um tempo histórico e um espaço geográfico bem determinados (Iozzi, 1998). Utiliza-se de sua memória a favor da História, e por isso, *Il milione* torna-se tão importante para os mercadores que viajavam por lugares desconhecidos. As viagens de Marco e sua memória expõem-se como geografia do

exterior, ou seja, como uma necessidade de tornar conhecido aquilo que ele tinha visto ou tinham lhe contado, compartilhando informações, antecipando um gênero (o jornalístico) e ultrapassando, assim, as fronteiras geográficas. Conhecer o oriente sem sair de sua cidade era possível, através da leitura do “livro das maravilhas”.

O Marco Polo calviniano, por sua vez, opera uma descrição muito mais subjetiva do que aquela de *Il milione*; e isso se explica porque todas as descrições de cidades de *Le città invisibili* partem de uma única cidade: Veneza. A descrição do Marco calviniano é produto de sua memória em relação a sua cidade natal. Essas descrições, portanto, são resultado de uma geografia interior, isto é, sua memória trabalha a favor da criação de uma relação de identidade de todas as cidades com a sua cidade natal, estabelecendo entre elas ponto de semelhança e diferença, pois não é por acaso que “Veneza é, em suma, por admissão do próprio Marco Polo, o ponto de partida para a comparação de todas as cidades descritas; todas a ela se assemelham e todas dela se diferenciam” (Iozzi, 1998: 43).

Assim, ao entendermos a diferença de finalidade de cada livro — um (*Il milione*) é produto de interesse histórico, até hoje importante para os estudos de história da geografia —; o outro (*Le città invisibili*) é produto da criação literária, artificial e combinada — muito apreciado pelos estudos de Arquitetura, por suas descrições fascinantes — podemos concluir que, se *Il milione* (apresentado como uma novidade no *Duecento* e hoje um clássico para nós) foi capaz de transpor as barreiras das fronteiras geográficas, seja alimentando o imaginário ocidental apenas pela leitura ou encorajando os homens daquele tempo às viagens, *Le città invisibili* rompeu as barreiras das fronteiras imaginárias, conjugando reflexão literária, análise combinatória, releitura e reescritura de um clássico. Dessa forma, Calvino reapropriou-se do modelo de *Il milione* e o superou com sua arte, absolutamente criativa e racional. Enquanto *Il milione* tornou-se um importante objeto de pesquisa da História, *Le città invisibili* nos leva a uma viagem fascinante pelos caminhos da ficção.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Jean L. N. “O flâneur e a cidade na literatura brasileira: proposta de uma leitura benjaminiana”. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades*, Rio Grande do Norte: vol. 5, nº 10, abr./jun. 2004. <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed10/073.pdf>. Acessado em 12/01/2008. pp. 1-9.
- BARENGHI, Mario. “Note e notizie sui testi: Le città invisibili”. In: CALVINO, Italo. *Romanzi e racconti*. Milano: Mondadori, 1992. v. 2. pp. 1359 -1365.
- CALVINO, Italo. *Le città invisibili*. Milano: Mondadori, 1993.
- _____. “Esattezza”. In: *Lezioni americane: sei proposte per il prossimo millennio*. 2 ed. Milano: Mondadori, 1994. pp. 63-88.
- _____. *Perché leggere i classici*. 7. ed. Milano: Mondadori, 2002.
- ECO, Umberto. “O milhão: descrever o desconhecido”. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Beatriz Borges. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FERRONI, Giulio; CORTELESSA, Andrea; PANTANI, Italo. *Storia e testi della letteratura italiana: dalle origini al 1300*. Milano: Mondadori Università, 2002. v. 1.
- IOZZI, Adriana. *A poética da reescritura: uma leitura pós-moderna de Le città invisibili de Italo Calvino*. São Paulo, 1998. 148 p. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- POLO, Marco. *Il milione*. Scritto in italiano da Maria Bellonci. Milano: Mondadori, 1994.